

# Conseguirá o ‘Ocidente’ Aprender? Aquilo de que o Afeganistão Precisa Agora!

Por Helga Zepp-LaRouche, fundadora e Presidente do Instituto Schiller

O falhanço catastrófico da OTAN no Afeganistão e, da mesma forma, o fracasso da política de 20 anos de guerras de intervenção, não podiam ser mais dramáticos. Não é apenas que a guerra tenha sido perdida; a situação é paradigmática para todo o espectro de falsas concepções que caracteriza o sistema liberal ocidental. É, portanto, de acolher o anúncio, do Presidente Biden, de que a retirada do Afeganistão marca o fim de toda a era do uso de poderio militar estadunidense para “refazer” outros países. Porém, se esta reorientação significa somente que deixaremos de nos envolver em “guerras intermináveis” nos confins da Terra, apenas para concentrarmos todas as forças nos “novos desafios” (nomeadamente, em confrontação com Rússia e China), então isso significará que a lição deste desastre vergonhoso não foi aprendida, e que estamos a embarcar numa catástrofe ainda pior. Porém, a ferida ainda está fresca, o choque da derrota acabou de abalar todo o mundo ocidental, e existe a oportunidade para uma abordagem completamente nova.

Um projeto da Universidade Brown para avaliar os custos das guerras dos EUA desde o 11 de Setembro (evento do qual estamos prestes a marcar o 20º aniversário), calculou que os custos totais para as operações militares no Afeganistão, no Iraque, na Líbia, na Síria, no Iémen, na Somália, no Paquistão, etc., se situam nos \$8 trilhões. Da mesma forma, estimou que, no mínimo, um milhão de pessoas perderam as suas vidas nestes conflitos. Depois, os números dão-nos um custo de \$2.3 trilhões para a guerra no Afeganistão, \$2.1 trilhões para a zona de guerra Iraque/Síria, \$355 biliões para as operações militares na Líbia, na Somália, etc., \$1.1 trilhões para programas de Segurança Interna [i.e. Homeland Security]. E, ainda \$2.2 trilhões para os vindouros cuidados de saúde a prestar aos veteranos dos EUA que serviram nestas guerras, um grande número dos quais sofrem de doenças secundárias aos níveis físico e mental. Um mínimo de 15,000 tropas dos EUA, e aproximadamente o mesmo número de tropas internacionais da NATO, foram mortos. Cerca de 70 milhões de pessoas são refugiados dessas guerras. Centenas de milhares de tropas foram mobilizadas, números incertos de civis pereceram, e a larga maioria das tropas estavam essencialmente ocupadas com proteger-se a si mesmas num ambiente hostil. Tinham uma compreensão tão vaga daquelas pessoas e da sua cultura ao início dos 20 anos, como no fim dos mesmos; como se tornou conhecido do público logo com a publicação dos Afghanistan Papers em 2019.

A situação humanitária no Afeganistão é chocante. David Beasley, Diretor do Programa Mundial de Alimentos (PMA), visitou o Afeganistão durante a última semana de Agosto, e anunciou que 18 milhões de afegãos (quase metade da população) estão a sofrer de fome, e que, na ausência de um esforço hercúleo de assistência alimentar, 4 milhões estão em risco de fome durante o próximo Inverno. A OMS, por sua vez, teme uma catástrofe médica, em consequência do quase inexistente sistema de saúde, da pandemia de COVID, e do fato de que apenas à volta de 1 milhão de pessoas foram, até aqui, vacinadas. Será que as pessoas dos países ocidentais fazem alguma ideia do tipo de sofrimento que a população afegã teve de suportar ao longo dos últimos 40 anos de guerra, e que ainda hoje tem de suportar?

À luz desta quase inimaginável tragédia, é pura e simplesmente absurdo, e deliberadamente enganador, que, no contexto das “guerras intermináveis”, se continue a falar de “construção de nações”. O que é que foi construído no Afeganistão, quando metade da população está hoje a passar fome? Se os EUA e os outros membros da NATO tivessem investido apenas 5% das suas despesas militares no desenvolvimento económico real do Afeganistão, este horrendo fracasso nunca teria acontecido.

## **Agricultura Moderna, e um Sistema Moderno de Saúde**

Até aqui, não é aparente que tenha havido alguma mudança real de paradigma nos Estados Unidos ou na Europa. Uma vez que isto significaria não apenas que se está disponível para “falar com os Taliban”, mas também que se estão a corrigir todas as premissas nas quais as políticas dos últimos 20 anos foram baseadas. Se Biden está a falar a sério sobre colocar um ponto final em toda a era das guerras de intervenção, então as tropas dos EUA têm de, definitivamente, cumprir com o voto do Parlamento iraquiano, que exigiu a retirada destas tropas para Janeiro de 2020. Simultaneamente, há que colocar um fim imediato às sanções homicidas da Lei Caesar\* dos EUA contra a Síria; sanções essas que, até hoje, contribuem para prender mais de 90% da população a um nível de vida abaixo do limiar de pobreza. Para além disso, e em especial durante uma era de pandemia, temos de acabar com a política de sanções contra todo e qualquer país. Estas sanções não têm um mandato da ONU, apenas afetam as seções mais pobres da população, e, com frequência, matam-nas.

O que os EUA e as nações europeias têm agora de fazer, se querem readquirir credibilidade em “valores” e “direitos humanos”, é oferecer assistência real ao governo afegão que está a ser formado, e.g. pela construção de um sistema moderno de saúde. Uma das coisas que é agora urgentemente necessária é todo um sistema de hospitais modernos, a par de um sistema para a formação de médicos, de profissionais médicos; e, ainda, um programa de formação para jovens que possam ajudar a população das áreas rurais a familiarizar-se com as medidas de higiene que são requeridas durante uma pandemia. Com a assistência de parcerias, um tal sistema poderia ser ligado a centros médicos nos Estados Unidos e na Europa, como já está a acontecer com outros países no setor em vias de desenvolvimento.

E, tendo a fome em perspetiva: em adição à ponte aérea humanitária que David Beasley do PMA está a organizar a partir do Paquistão, e que pode levar comida ao Afeganistão, é urgentemente necessária uma oferta abrangente de apoio agrícola ao país. O desenvolvimento da agricultura, integrado na estrutura económica geral, tem de ser apoiado, se queremos evitar que os agricultores afegãos reincidam, por pura necessidade, no cultivo da planta do ópio para a produção de narcóticos. Através do acordo concluído com os Taliban em 2000, o ex-comissário de combate ao narcotráfico para a ONU, Pino Arlacchi, demonstrou que é possível abolir o cultivo de narcóticos, e que é possível encontrar uma convergência entre isto e as convicções religiosas dos Taliban.

Desde que a soberania do Afeganistão e do novo governo seja absolutamente respeitada, e que seja garantido que tal assistência na construção da agricultura não será misturada com uma agenda política, poderiam desde já ser começados, nas regiões que estão preparadas para os acolher, vários projetos-piloto baseados no modelo da revolução verde de Jawaharlal Nehru. Há agricultores dedicados nos Estados Unidos e na Europa, alguns jovens, outros mais velhos, que estariam disponíveis a participar numa tal missão de paz para melhorar a produção agrícola no Afeganistão, de uma tal maneira que se tornasse possível erradicar permanentemente a fome. Dadas as secas que consistentemente afetam a região, tais programas teriam, naturalmente, de ser implementados a par de programas de irrigação e de gestão hídrica geral.

## **Um Coordenador de Assistência em Quem Todos Possam Confiar**

Antes de tudo o resto, a prioridade tem de ser a de ajudar o povo afegão numa gigantesca emergência que eles não causaram por si próprios, e isto só será possível se for estabelecida uma base de confiança com o novo governo, independentemente de todas as reservas

ideológicas. O Comité para a Coincidência dos Opostos propõe, portanto, que os governos dos EUA e dos países europeus escolham uma pessoa para coordenar um tal programa de assistência: uma pessoa que mostrou, no passado, que uma tal política pode funcionar. Essa pessoa é Pino Arlacchi. Isso garantiria o respeito pela soberania do Afeganistão, e que não seria feita nenhuma tentativa para impor standards ocidentais, uma vez que Arlacchi já ganhou a confiança dos Taliban no passado.

Uma tal redefinição de política para com o Afeganistão também significa, naturalmente, deixar por inteiro de pensar por categorias geopolíticas, e, da mesma forma, rejeitar a ideia de política como um jogo de soma zero, pelo qual a ascensão da China e da Ásia é automaticamente compreendida como implicando o declínio do Ocidente. Abdul Ghani Baradar, o novo líder de governo no Afeganistão, sinalizou, na sua visita ao Ministro chinês das Relações Exteriores, Wang Yi, que o seu governo está a contar com cooperação com a China, e com a integração do Afeganistão na Nova Rota da Seda. O Embaixador russo ao Afeganistão, Zamir Kabulov, propôs uma conferência internacional para o desenvolvimento económico do país. Uma tal conferência deverá discutir quais os projetos que têm de ter prioridade absoluta, para qua a emergência seja ultrapassada.

Se o Ocidente aprendeu o que quer que seja com a derrota milenar no Afeganistão, então tem de cooperar imparcialmente com Rússia, China, com os países vizinhos da Ásia Central, e com o Paquistão, o Irão, e a Índia, para construir não apenas o Afeganistão, como também todo o Sudoeste Asiático. O slogan “acabar as guerras intermináveis” que deixou Blair tão agitado, não é imbecil: o que é imbecil é a política de guerras coloniais de intervenção que Blair veio a representar. Esta política não foi apenas cretina, como também criminosa e homicida, e destruiu as vidas de milhões de pessoas, ou relegou-as a indizível sofrimento. Os arquitetos desta política têm de ser responsabilizados.

Porém, e para ultrapassar o ciclo de violência e vingança, então há que colocar uma nova política na agenda: o novo nome para paz é desenvolvimento, como em tempos dito pelo Papa Paulo VI. O Afeganistão é o lugar de eleição onde Estados Unidos e China podem começar uma forma de cooperação que possa revelar-se um pequeno passo inicial na direção de cooperação estratégica com vista à concretização dos propósitos comuns da Humanidade. Em última análise, a realização de um tal passo, representa a única direção pela qual é possível prevenir o fim da Humanidade num Armageddon nuclear.

Em qualquer dos casos, a Ministra alemã da Defesa, Annegret Kramp-Karrenbauer, não parece ter aprendido nada da “derrota severa”, se tudo aquilo em que consegue pensar é na exigência por “mais independência militar para a UE”. A “falta das nossas próprias capacidades” de que ela fala não se refere apenas ao fracasso da resistência europeia à retirada, impelida pelos EUA, do Afeganistão. Se a ideia é a de colocar um fim ao auto-induzido declínio do Ocidente, então precisamos de uma análise honesta do motivo pelo qual o modelo social neocolonial liberal falhou e, acima de tudo, precisamos de uma renascença da nossa cultura clássica e humanista. A nossa atitude para com a construção do Afeganistão é um teste da nossa capacidade para o fazer.

[\(Este artigo foi traduzido do editorial de primeira página para o semanário alemão Neue Solidarität, nº36, de 9 de Setembro de 2021.\)](#)

\* N. do T.: “Sanções Caesar” são sanções baseadas na “Lei Caesar”, uma lei passada no Congresso dos EUA em Junho de 2020, como parte da Lei de Autorização de Defesa Nacional. Derivam o seu nome de um indivíduo conhecido como “Caesar”, do qual é alegado ter denunciado crimes de guerra pelo governo sírio.

---

Tradução: Rui Miguel Garrido